

A COISA NA SOLEIRA DA PORTA

H. P. Lovecraft

I

É verdade que disparei seis balas na cabeça de meu melhor amigo e, ainda assim, espero mostrar, com esse depoimento, que não sou o seu assassino. No começo serei chamado de louco – mais louco do que o homem que alvejei em sua cela no Sanatório de Arkham. Mais tarde, alguns de meus leitores vão pesar cada afirmação, relaciona-la com os fatos conhecidos e vão perguntar-se como eu poderia ter pensado diferente depois de encarar a evidencia daquele horror - daquela coisa na soleira da porta.

Até enfim eu também não via nada além de loucura nas histórias fantásticas de que tinha tomado parte. Mesmo agora me pergunto se estava enganado – ou se não estou mesmo louco, afinal não sei – mas outras pessoas tem coisas estanhas a dizer sobre Edward e Asenath Derby e nem mesmo a estúpida polícia sabe mais o que fazer pala explicar aquela última e terrível visita. Os policiais tentaram montar uma frágil teoria envolvendo um aviso ou uma brincadeira de mau gosto por criados demitidos, embora saibam, no íntimo, que a verdade é infinitamente mais terrível e inacreditável. Eu digo, pois, que não assassinei Edward Derby, antes o vinguei, e assim expurguei da Terra um horror cuja consciência poderia ter espalhado terrores inauditos sobre toda a humanidade. Existem zonas negras de sombra próximas de nossos caminhos cotidianos e, de vez em quando, algum espírito maligno abre uma passagem entre eles. Quando isso acontece, a pessoa informada deve agir sem pesar os conseqüências.

Conheci Edward Pickman Derby durante toda sua vida. Oito anos mais novo do que eu, era tão precoce que nós tínhamos muito em comum desde quando ele tinha oito, e eu dezesseis. Foi a criança erudita mais extraordinária que já conheci, e aos sete anos escrevia versos de um feitio soturno, fantástico, quase mórbido, que provocavam a admiração dos preceptores que o cercavam. Talvez a sua educação particular e seu isolamento cercado de mimos tivessem algo a ver com o seu florescimento prematuro. Filho único, ele tinha uma saúde precária que enchia de sobressaltos seus pais extremados e os levava a conservá-lo firmemente preso ao seu lado. Ele não tinha permissão de sair sem a enfermeira, e raramente tinha a oportunidade de brincar à vontade com outras crianças. Tudo isso com certeza contribuiu para uma vida interior singular e secreta no menino que encontrava na imaginação sua principal via de acesso à liberdade.

De qualquer forma, sua erudição juvenil era prodigiosa e excêntrica, e sua escrita fluente me cativou a despeito de eu ser mais velho. Naquela época, eu tinha veleidades artísticas de uma propensão um tanto grotesco, e descobri naquele garoto mais novo uma alma gêmea. O que havia por trás de nosso amor comum pelas sombras e maravilhas era, sem dúvida, a ancestral, decrépita e sutilmente temível cidade onde morávamos – a legendária e enfeitiçada Arkham, com sua procissão de telhados abaulados de duas águas e balaustradas georgeanas caindo aos pedaços, assuntando os séculos, tendo ao lado os murmúrios soturnos do Miskatonic. Com o passar do tempo, encaminhei-me para a arquitetura e desisti de ilustrar um livro de poemas satânicos de Edward, mas nossa camaradagem não diminuiu. O gênio excêntrico do jovem Derby desenvolveu-se de maneira notável

e aos dezoito anos ele causou uma verdadeira sensação quando sua coletânea de poemas satânicos foi editada sob o título Azatoth e Outros Horrores. Ele foi um correspondente íntimo do conhecido poeta baudelairiano Justin Oeoffruy autor de O Livro do Monoiro, que morreu aos gritos num asilo, depois de visitar a sinistra n'ái Hungna.

Em matéria de autoconfiança e assuntos práticos, porém, Derby era muito retardado em virtude da existência mimada. Sua saúde havia melhorado, mas seus hábitos de dependência infantil haviam sido reforçados pelos pais extremosos. Assim, ele nunca viajava sozinho, não tornava decisões independentes, nem assumia responsabilidades. Logo se via que ele não disputaria em condições de igualdade nas arenas comercial e profissional, mas a fortuna da família era tal que isso não representava nenhuma tragédia. Chegando à idade adulta, conservou um enganoso aspecto de infantilidade. Louro, de olhos azuis, tinha a aparência fresca de uma criança, e só com muito esforço se podiam notar suas tentativas de cultivar um bigode. Sua voz era suave e graciosa, e a vida mimada e sedentária deu-lhe uma rotundidade juvenil em vez da obesidade da meia idade prematura. Tinha boa estatura e seu rosto bonito faria dele um notável namorado se a timidez não o tivesse confinado à reclusão e ao gosto pelos livros.

Os pais de Derby levavam-no ao exterior todos os verões ele não demorou para adotar os aspectos superficiais do pensamento e da expressão europeus. Seus pendores, como os de Poe, se voltaram mais e mais para o decadentismo, entusiasmando-se pouco com outras sensibilidades e aspirações artísticas. Tínhamos grandes discussões naqueles tempos. Eu cursara Harvard, estudara num escritório de arquitetura em Boston, casara-me e finalmente retornara a Arkharn para exercer a profissão, instalando-me na propriedade da família da Saltionstall Súeat depois que o pai se mudou para a Flórida para cuidar da saúde. Edward costumava aparecer quase todas as noites, de modo que cheguei a considerá-lo parte da família. Ele tinha um modo característico de tocar a campainha ou soar a aldrava que ficou sendo um verdadeiro sinal em código de forma que, depois do jantar, eu sempre ficava à espera das costumeiras três batidas secas, seguidas de uma pausa e outras duas.

Eu o visitava em sua casa com menor frequência, observando com inveja os volumes obscuros da sempre crescente biblioteca. Derby havia cursado a Universidade Miskat Arkhan, já que seus pais não permitiriam que se afastasse deles. Entrou com dezesseis e completou o curso em três anos, graduando-se em literatura inglesa e francesa, e recebendo altas notas em tudo, exceto matemática e ciências. Misturava-se muito pouco com os outros estudantes, conquanto olhasse com inveja os círculos de 'aventureiros' ou de 'boêmios', cujo linguajar superficialmente espirituoso e a pose desdenhosamente irônica ele imitava, e cuja conduta questionável gostaria de ousar adotar. O que ele fez foi tornar-se um aficionado quase fanático do conhecimento mágico secreto, pelo qual a biblioteca da Miskatonic era, e ainda é, famosa. Freqüentador perpetuo da superfície da fantasia e do bizarro, ele mergulhava fundo nas finas e enigmas reais levados por um passado fabuloso para orientação ou a perplexidade dos pósteros. Lia coisas como o pavoroso Livro de Eibon, o Unar.ssprechlichen KrsIten de von Juntz, e o proibido Necronomicon do louco árabe Abdul Alhazred, embora não contasse a seus pais que os havia lido. Edward tinha vinte anos quando nasceu meu único filho, e pareceu contente quando batizei o recém-chegado de Edward Derby Upton em sua homenagem.

Aos vinte e cinco Edward Derby era um homem de erudição prodigiosa e um poeta e fantasista bastante conhecido, embora a falta de contatos e responsabilidades tivesse arrecado seu crescimento literário tornando suas realizações se conhMxias e livrescos. Talvez eu fosse seu amigo mais íntimo, considerando-o uma mina inexaurível de questões teóricas vitais, enquanto ele me consultava sobre todos os assuntos que não queria mencionar aos pais. Permaneceu solteiro – mais por timidez, inércia e excesso de proteção paternal do que por inclinação – e circulava em sociedade apenas em função das atividades mais mezinhas e rotineiras. Quando veio a guerra, a saúde e a

inveterada timidez o mantiveram em casa. Eu fui servir em Plattsburg, mas não cheguei a ir para o exterior. E assim passaram-se os anos. A mãe de Edward morreu quando ele tinha trinta e quatro, e durante alguns meses ele esteve prostrado por um estranho mal psicológico. Seu pai levou-a à Europa, porém, e ele conseguiu livrar-se do problema sem seqüelas visíveis. Depois daquilo, ele parecia sentir uma espécie de alegria grotesca como se tivesse parcialmente escapado de alguma servidão invisível. Começou a se misturar com o círculo universitário mais “avançado”, apesar de sua idade mediana, e esteve envolvido em alguns acontecimentos escabrosos – numa ocasião, pagando uma pesada chantagem (com dinheiro que lhe emprestei) para manter o pai desenfocado sobre a sua participação num determinado caso. Correram rumores muito estranhos sobre o círculo radical da Miskatonic. Chegou-se a falar de magia negra e de acontecimentos absolutamente inacreditáveis.

II

Edward estava com trinta e oito anos quando conheceu Asenath Waite. Ela devia ter perto de vinte e três, na época, e estava seguindo um curso especial de metafísica medieval na Miskatonic. A filha de um amigo meu a conhecia de antes – da Escola Hail, de Kingsport – e tratara de evitá-la devido à sua estranha reputação. Era trigueira, apequenada e de muito boa aparência, exceto pelos olhos muito saltados, mas alguma coisa em sua expressão afastava as pessoas mais sensíveis.

Entretanto, era sobretudo sua origem e sua conversa que faziam as pessoas comuns a evitar. Descendia dos Waite de Innsmouth, e muitas lendas obscuras se acumularam, durante gerações, sobre a decrépita e quase deserta Innsmouth e sua gente. Correm histórias sobre pactos pavorosos por volta de 1850, e sobre um elemento estranho, “não inteiramente humano”, nas antigas famílias do arruinado porto pesqueiro – histórias que só ianques dos velhos tempos conseguem inventar e repetir com a devida “horripilência”. O caso de Asenath era agravado por ser filha de Ephraim Waite – a filha tem para com uma esposa misteriosa que só circulava velada. Ephraim morava numa mansão um tanto decadente da Washington Street, em Innsmouth, e quem viu o lugar (a gente de Arkham evita Innsmouth sempre que pode) afirma que as janelas do sótão estavam sempre fechadas com tábuas e que ruídos estranhas escapavam da interior com a chegada da noite. Sabia-se que o velho havia sido um prodigioso estudante de magia em seu tempo, e segundo uma lenda, podia provocar ou amainar tempestades na mar quando bem lhe aprouvesse. Eu o havia visto uma ou duas vezes em minha juventude, quando ele fora a Arkham consultar volumes proibidos na biblioteca da universidade, e havia detestado o rasto cruel, soturno, com sua hirsuta barba cinza escuro. Ele morreu louco – em circunstâncias muito estranhas – pouco antes de sua filha (deixada, por sua vontade, sob a tutela nominal do reitor) entrar na Escola Hali, mas ela havia sido uma discípula sua, doentamente voraz e parecia diabólica como ele, às vezes. O amigo cuja filha freqüentara a escola com Asenath Waite repetiu muitas coisas curiosas quando as novas sobre o relacionamento de Edward com ela começaram a se espalhar. Asenath, ao que parece, usara de uma espécie de mágica na escola, e parecia mesmo capaz de realizar alguns prodígios desconcertantes. Ela dizia ser capaz de provocar tempestades, mas seu aparente sucesso era em grande medida atribuído a um fantástico pendor para a predição. Nenhum animal a apreciava e ela podia fazer cachorros uivarem com alguns gestos da mão direita. Houve momentos em que ela exibiu traços de conhecimento e de linguagem muito estranhos – e chocantes – para uma garota, que assustava as colegas com olhares de esguelha e piscadelas incompreensíveis, parecendo extrair uma ironia obscena e prazerosa da situação. O mais extraordinário, porém, foram os casos bem atestados de sua influência sobre outras pessoas. Ela era, sem a menor dúvida, uma genuína hipnotizadora. Fixando o olhar de maneira especial numa colega,

geralmente provocava nesta um sentimento inconfundível de personalidade trocada – como se ela fosse por um momento colocada no corpo da mágica, meio que podendo olhar de frente para seu corpo real, cujos olhos saltados brilhavam com uma expressão que não era sua. Asenath fazia afirmações bizarras freqüentes sobre a natureza da consciência e sua independência do corpo físico – ou, pelo menos, dos processos vitais do corpo físico. Tinha a maior raiva, porém, de não ser homem, pois achava que o cérebro masculino tinha poderes cósmicos exclusivos e de longo alcance. Se tivesse um cérebro de homem, declarava, poderia não só igualar, mas inclusive superar o pai no domínio de forças desconhecidas.

Edward conheceu Asenath numa reunião da “inteligência”, realizada no quarto de um aluno e não conseguiu falar de mais nada quando veio ver-me no dia seguinte. Os interesses e a erudição dela eram parecidos com os seus e, além disso, ele ficou extremamente arrebatado por sua aparência. Eu nunca vira a moça, e só me recordava, muito de leve, de referências casuais, mas sabia quem ela era. Achei lamentável o arrebatamento de Derby por ela, mas não disse nada para desencorajá-lo, pois é com a oposição que a paixão mais prospera. Ele não pretendia, conforme me disse, mencioná-la a seu pai. Nas semanas subsequentes, quase tudo que ouvi do jovem Derby dizia respeito a Asenath. Outros já haviam notado a galanteria outonal de Edward, embora concordassem que ele não aparentava, nem de longe, a sua idade real, nem parecia um par inadequado para sua exótica deusa. Estava só um pouco coisa barrigudo apesar da vida sedentária e auto indulgente, e seu rosto era completamente liso. Asenath, por sua vez, tinha pés-de-galinha prematuros causados pelo exercício de uma vontade intensa.

Por essa época, Edward trouxe a moça para me conhecer, e pude perceber na hora que o interesse que ele demonstrava não era, de maneira nenhuma, unilateral. Ela o observava o tempo todo com uma aparência quase rapace, e percebi que não havia jeito de desfazer a intimidade deles. Pouco tempo depois, recebi uma visita do velho Sr. Derby, a quem sempre dedicara admiração e respeito. Ele ouvira as histórias sobre a nova amizade de seu filho e arrancara toda a verdade “do garoto”. Edward pretendia casar-se com Asenath e até andara olhando casas nos subúrbios. Conhecedor de minha grande ascendência sobre o filho, o pai achava que eu poderia ajudar a romper o namoro imprudente, mas lamentando, expressei minhas dúvidas. Dessa vez não estava em jogo a indecisão de Edward, mas a vontade imperiosa da mulher. A eterna criança havia transferido sua dependência da imagem paterna para uma imagem nova e mais poderosa, e nada podia ser feito sobre aquilo.

O casamento foi celebrado um mês depois, por um juiz de paz, a pedido da noiva. O Sr. Derby, por recomendação minha, não se opôs, e ele, minha esposa, meu filho e eu assistimos à breve cerimônia – os demais convidados eram jovens radicais da universidade. Asenath havia comprado o velho lar dos Crowninshield, na extremidade da High Street, e eles pretendiam instalar-se ali depois de uma curta viagem a Innsmouth, de onde trariam três criados e alguns livros e objetos domésticos. Provavelmente foi menos em consideração por Edward e por seu pai, mas o desejo pessoal de ficar perto da universidade, sua biblioteca e sua multidão de “sofisticados”, que levou Asenath a se instalar em Arkham e não retomar definitivamente para sua casa. Quando Edward me visitou, depois da lua-de-mel, achei-o um pouco mudado. Asenath o fizera raspar o arremedo de bigode, mas havia algo mais. Ele parecia mais sóbrio e pensativo, havendo trocado o amuo usual de rebeldia infantil por um ar de genuína tristeza. Não saberia dizer se a mudança me agradou ou não. Com certeza ele me pareceu um adulto mais normal do que antes. Talvez o casamento fosse uma coisa boa – a mudança da dependência não poderia constituir um ponto de partida para uma verdadeira neutralização, levando enfim à uma independência responsável? Ele veio só porque Asenath estava muito ocupada. Ela havia trazido um enorme estoque de livros e utensílios domésticos de Innsmouth (Derby estremecia ao pronunciar esse nome), e estava terminando a restauração da casa e do terreno de Crowninshield. A casa dela – naquela cidade – era um lugar muito perturbador, mas alguns objetos

que continha lhe haviam ensinado coisas surpreendentes. Ele estava fazendo rápidos progressos no saber esotérico agora que tinha a orientação de Asenath. Alguns experimentos que ela propunha eram muito ousados e radicais – ele não se sentia à vontade para descrevê-los – mas tinha confiança nos poderes e nas intenções dela. Os três criados eram muito estranhos – um casal bem idoso que havia servido ao velho Ephraim e se referia às vezes a ele e à falecida mãe de Asenath de maneira misteriosa, e uma criada jovem e escura, de feições notoriamente anormais, que parecia exsudar um perpétuo cheiro de peixe.

III

Nos dois anos seguintes, vi Derby cada vez menos. Transcorria às vezes uma quinzena sem as três-mais-duas batidas familiares na porta, e quando ele aparecia – ou quando eu o visitava, o que era cada vez mais raro – ele não parecia muito propenso a conversar sobre assuntos importantes. Mostrava-se reservado sobre aqueles estudos ocultas que costumava descrever e discutir em detalhes, e preferia não falar da esposa. Ela havia envelhecido extraordinariamente desde o casamento, chegando a parecer então – por estranho que pareça – a mais velha dos dois. Seu rosto exibia o esforço de concentração mais determinado que eu já vira, e seu aspecto geral parecia induzir uma vaga e inclassificável repulsa. Minha mulher e meu filho também o notaram e pouco a pouco fomos deixando de visitá-la – com o que, admitiu Edward numa de suas infantis faltas de tato, ela ficara muitíssimo grata. De vez em quando, os Derby partiam para viagens demoradas – declaradamente à Europa, embora Edward insinuasse, às vezes, destinos mais obscuros. Já se havia passado um ano quando as pessoas começaram a comentar a transformação de Edward Derby. Eram mexericos muito casuais, visto que a mudança era puramente psicológica, mas suscitavam questões interessantes. Ao que parecia, de vez em quando Edward era visto exibindo uma expressão e fazendo coisas de todo incompatíveis com a frouxidão usual de sua natureza. Por exemplo – embora antes não soubesse guiar, fora visto, algumas vezes, entrando ou saindo velozmente pelo acesso da velha Crowninshield com o potente Packard de Asenath, conduzindo-o como um mestre, e enfrentando engarrafamentos de trânsito com uma habilidade e determinação alheias por completo à sua natureza habitual. Nessas ocasiões, ele parecia estar sempre terminando de chegar de viagem ou partindo para uma – que tipo de viagem, ninguém conseguia imaginar, embora quase sempre preferisse a velha estrada para Innsmouth. Curiosamente, a metamorfose não pareceu muito agradável. Diziam que ele ficava muito parecido com a esposa, ou com o próprio velho Ephraim Waite, naqueles momentos – ou talvez, aqueles momentos parecessem estranhos por serem tão raros. Às vezes, horas depois de sair daquele modo, ele voltava largado no banco traseiro do carro que era dirigido por algum motorista ou mecânico, obviamente contratado. Mora isso, o aspecto preponderante que ele apresentava nas ruas durante o declínio de seus relacionamentos sociais inclusive, posso dizer, de suas visitas a mim) era o do indeciso dos velhos tempos – a irresponsabilidade infantil ainda mais acentuada do que no passado. Enquanto o rosto de Asenath envelhcia, o de Edward – exceto naquelas ocasiões especiais - se abrandava numa espécie de imaturidade descabida, salvo quando era atravessado por rasgos da nova tristeza ou compreensão. Era, de fato, muito intrigante. Nesse ínterim, os Derby haviam praticamente se afastado do alegre circuito universitário – não por sua vontade, conforme se ouviu, mas porque alguma coisa em seus estudos correntes chocava os mais calejados dos outros decadentistas. Foi no terceiro ano do casamento que Edward começou a insinuar-me abertamente um certo medo e insatisfação. Ele deixava cair observações sobre coisas “indo longe demais” e falava muito sombrio sobre a necessidade de “preservar sua identidade”. De início ignorei essas referências,

mas com o tempo comecei a inquiri-lo discretamente, lembrando-me do que a filha de meu amigo havia dita sobre a influência hipnótica de Asenath sobre as outras garotas da escola – casos em que alunas haviam pensado estar dentro do corpo dela, olhando para si próprias à frente. Essa inquirição pareceu deixá-lo ao mesmo tempo alarmado e agradecido, e certa vez ele murmurou alguma coisa sobre ter uma conversa séria comigo, mais tarde.

Por essa época, o velho Sr. Derby morreu, o que, mais tarde, me deixou muito grato. Edward ficou perturbado demais, mas de modo nenhum, perdido. Desde o casamento, ele mal via a pai, visto que Asenath concentrara em si todo o senso vital de laços familiares dele. Alguns o chamaram de insensível na perda – especialmente depois que aqueles modos lépidos e autoconfiantes no carro começaram a aumentar. Ele quis mudar-se de volta para a velha mansão dos Derby, mas Asenath insistiu em ficar na casa de Crowninshield, com que se acostumara.

Pouco tempo depois, minha esposa ouviu uma história curiosa de uma amiga – uma das poucas que não havia rompido com os Derby. Ela fora até o final da High Street visitar o casal e viu um carro sair voando pelo passeio com o rosto curiosamente confiante e quase zombeteiro de Edward ao volante. Tocando a campainha, foi informada pela repulsiva criada que Asenath também havia saldo, mas pôde dar uma alhada na casa antes de se afastar. Ali, pelas janelas da biblioteca de Edward, ela vislumbrou um rosto que se afastou depressa – um rosto de uma pungência indescritível, marcado por uma expressão de dor, derrota e melancólica desesperança: Era – por incrível que pareça, tendo em vista sua vocação autoritária – o de Asenath, mas a visitante jurou que naquele instante as olhos tristes e desamparadas do pobre Edward estavam olhando fixamente os dele. As visitas de Edward haviam então se tomado um pouco mais freqüentes, e suas insinuações às vezes concretas. O que ele dizia não era digno de crédito, mesmo na lendária e secular Arkham, mas ele despejava sua tétrica erudição com uma sinceridade e uma convicção que depunham contra a sua sanidade mental. Falava de assembléias medonhas em locais ermos, de minas ciclópicas no coração dos bosques do Maine, debaixo das quais vastas escadarias levavam para abismos de segredos sepulcrais, de ângulos complexos que conduziam, através de paredes invisíveis, para outras regiões do espaço e do tempo, e de hediondas trocas de personalidade que permitiam explorações em locais remotos e proibidas de outros mundos, e em diferentes contínuos espaço-tempo.

De vez em quando, ele secundava certas sugestões alucinadas, mostrando objetos que me deixavam pasmo – objetos de cores enganosas e texturas enganadoras como jamais se ouviu falar na Terra, com curvas e superfícies insanas que não serviam a nenhum propósito concebível e que não seguiam nenhuma geometria concebível. As coisas, dizia ele, vinham “de fora”, e sua esposa sabia como consegui-las. Às vezes – mas sempre em sussurros ambíguos e aterrorizados –, ele sugeria coisas sobre a velha Ebraim Waite, a quem via ocasionalmente na biblioteca da universidade, nos velhos tempos. Essas insinuações nunca eram específicas, antes parecendo girar em torno de alguma dúvida em particular terrível sobre se o velho bruxo estava mesmo morto – tanto em sentido espiritual, quanto corporal. Às vezes, Derby interrompia bruscamente suas revelações e eu ficava pensando se Asenath poderia ter adivinhado o teor de sua conversa a distância e feito ele parar através de algum tipo desconhecido de mesmerismo telepático – algum poder do tipo que ela revelava na escola. Ela decerto suspeitava que ele me fazia revelações, pois com o passar das semanas, tentou impedir suas visitas com palavras e olhares da mais inexplicável intensidade. Ele tinha dificuldade em vir me visitar, pois mesmo pretextando ir a outra parte, alguma força invisível bloqueava amiúde seus movimentos ou o fazia esquecer-se de seu destino naquele momento. Suas visitas em geral aconteciam quando Asenath estava fora – “fora, em seu próprio corpo”, como ele certa vez colocou. Ela sempre descobria depois — os criados vigiavam as idas e vindas dele — mas evidentemente não achou oportuno tomar alguma providência drástica.

IV

Derby já estava casado havia mais de três anos naquele dia de agosto em que me chegou o telegrama do Maine. Eu havia ficado dois meses sem vê-lo, mas ouvira dizer que ele tinha viajado “a negócios”. Asenath, ao que se supunha, fora com ele, embora os mexeriqueiros vigilantes declarassem que havia alguém no primeiro andar da casa, por trás das cortinas duplas das janelas. Eles haviam espreitado as compras feitas pelos Chesuncook fica perto do mais selvagem, mais denso e menos devassado cinturão florestal do Maine, e levei um dia inteiro me sacolejando por uma paisagem fantástica e hostil para chegar de carro até lá. Encontrei Derby numa cela do asilo da cidadezinha, oscilando entre acessos de delírio e apatia. Reconheceu-me na hora e começou a despejar uma torrente de palavras confusas e sem sentido na minha direção.

“Dan – pelo amor de Deus! A cova dos shoggoths! Descendo os seis mil degraus... a abominação das abominações... eu nunca deixaria ela me levar, e então me vi lá... lâ! Shub-Niggurath! ... O vulto se levantou do altar, e lá estavam quinhentos uivando... A Coisa Encapuzada berrava ‘Kamog! Kamog!’ – era este o nome secreto do velho Ephraim na reun... Eu estava lá, onde ela prometeu que não me levaria... Um minuto antes eu estava trancado na biblioteca, e então eu estava lá aonde ela tinha ido com meu corpo – no lugar da suprema blasfêmia, a cova ímpia onde começa o reino das trevas e o guardião vigia o portal... Eu vi um shoggoth... ele mudava de forma... Não posso suportar... Não vou suportar... Vou matá-la se me mandar lá de novo... Vou matar essa coisa... ela, ele, a coisa... vou matá-la! Vou matá-la com as próprias mãos!”

Foi preciso uma hora para acalmá-lo, mas ele enfim se tranqüilizou. No dia seguinte, arrumei-lhe umas roupas decentes no vilarejo e partimos juntos para Arkham. Seu ataque histérico havia passado, e ele ficou inclinado ao silêncio, embora começasse a murmurar coisas obscuras consigo mesmo quando o carro cruzou Augusta – como se a visão de uma cidade despertasse recordações desagradáveis. Era evidente que ele não queria ir para casa, e considerando os delírios fantásticos que parecia ter sobre a esposa – delírios de certo decorrentes de alguma experiência hipnótica real a que fora submetido — achei que seria melhor que não fosse. Decidi que eu mesmo iria acomodá-lo por algum tempo, a despeito do possível desagrado de Asenath. Mais tarde eu o ajudaria a obter a divórcio, pois havia, com toda certeza, fatores mentais que tornavam aquele casamento suicida para ele.

Quando entramos em campo aberto, os murmúrios de Derby foram sumindo e ele cochilou, com a cabeça pendida, no assento ao meu lado, enquanto eu guiava. Durante nossa passagem ao entardecer por Portland, os murmúrios recomeçaram, mais distintos do que antes, e quando conseguia ouvi-los, identificava uma torrente de disparates de todo desvairados sobre Asenath. O tanto que ela atormentara os nervos de Edward estava claro, pois ele havia tecido todo um conjunto de alucinações a respeito dela. Seu estado atual, resmungava furtivamente, era apenas um de uma longa série. Ela se estava apoderando dele, e ele sabia que algum dia não o deixaria mais partir. Mesmo agora era provável que ela só o deixasse sair quando tinha necessidade, porque não podia retê-lo muito tempo de cada vez. Ela se apoderava sempre de seu corpo e ia a lugares inomináveis para ritos inomináveis, deixando-o no corpo dela, trancado no primeiro andar – mas às vezes não conseguia retê-lo, e ele se achava de repente no próprio corpo em algum lugar muito distante, pavoroso e talvez desconhecido. Às vezes ela se apoderava dele de novo, mas noutras não conseguia. Em muitas ocasiões ele era largado em algum lugar como aquele em que eu o encontrara... inúmeras vezes ele tinha de voltar para casa de distâncias tremendas, arranjando alguém para guiar o cano depois de encontrá-lo.

O pior era que ela se estava apoderando dele mais e mais tempo de cada vez. Ela queria ser um homem – ser humana por completo – e por isso se apoderava dele. Havia identificado nele uma combinação de cérebro bem constituído e vontade fraca. Algum dia ela o ocuparia de todo e desapareceria com seu corpo – desapareceria para se tornar um grande feiticeiro como seu pai e o deixaria ilhado naquela casca que nem inteiramente humana era. Sim, agora ele entendia o sangue de Innsmouth. tinha havido uma conspiração com criaturas marinhas – era horrível... E o velho Ephraim – ele havia conhecido o segredo, e quando ficou velho fez uma coisa abominável para se manter vivo..., ele pretendia viver para sempre... Asenath conseguiria – uma demonstração bem sucedida já havia ocorrido. Enquanto Derby prosseguia com suas lamúrias, observei-o atentamente comprovando a impressão de mudança que uma observação anterior me causara. O paradoxo era que ele parecia em melhor forma do que o normal – mais firme, mais maduro e sem o traço de languidez doentia causado por seus hábitos indolentes. Era como se fosse de fato ativo e vigoroso pela primeira vez em sua vida mimada, e imaginei que o poder de Asenath o devia ter empurrado para vias não habituais de ação e vivacidade. Mas naquele momento sua mente estava num estado lamentável, pois ele resmungava extravagâncias desvairadas sobre a esposa, magia negra, o velho Ephraim e uma certa revelação que até a mim convenceria. Repetia nomes que eu reconhecia por ter folheado volumes proibidos no passado, e, de vez em quando, fazia-me estremecer com uma certa linha de consistência mitológica – de coerência convincente – que percorria seus balbucios. De tempos em tempos, fazia uma pausa, como se estivesse juntando forças para alguma revelação suprema e terrível.

“Dan, Dan, não se lembra dele – o olhar feroz e a barba desgrenhada que nunca embranquecia? Ele me encarou uma vez, e eu jamais pude esquecê-lo. Agora ela me encara daquela maneira. E eu sei por quê! Ele a descobriu no Neconomicon – a fórmula. Não ousou dizer-lhe a página ainda, mas quando o fizer, você poderá ler e compreender. Aí você vai saber o que me trágou. Em frente, em frente, em frente, em frente – de corpo para corpo para corpo – ele não pretende morrer jamais. A centelha da vida – ele sabe como romper o elo..., ela pode arder por algum tempo mesmo depois que o corpo está morto. Vou dar-lhe pistas, e talvez você possa imaginar. Ouça, Dan – sabe por que minha mulher se esforça tanto com aquela estúpida escrita de trás para diante? Já viu um manuscrito do velho Ephraim? Quer saber por que eu me arrepiei quando vi umas anotações apressadas que Asenath havia feito?

“Asenath... será que existe essa pessoa? Por que eles suspeitam que havia veneno no estômago do velho Ephraim? Por que os Gilman murmuram sobre a maneira como ele gritava – como uma criança apavorada – quando ficou louco e Asenath o trancou no quarto almofadado do sótão onde – o outro – havia estado? Seria a alma do velho Ephraim que estava trancada? Quem havia trancado quem? Por quê, durante meses, ele andara à procura de alguém com mente boa e vontade fraca? Por que ele maldizia por sua filha não ser um filho? Diga-me, Daniel Upton – que troca diabólica foi eternizada na casa de horror onde aquele monstro blasfemo tinha a filha confiável, de vontade fraca e meio humana à sua mercê? Não a terá tomada permanente – como ela fará comigo, no final? Diga-me por que essa coisa que se chama Asenath escreve de maneira diferente quando está com a guarda aberta, de forma que não se consegue diferenciar sua escrita da...”

Foi então que a coisa aconteceu. A voz de Derby progredia para um grito agudo em seu delírio, quando foi abruptamente interrompida com um dique quase mecânico. Pensei naquelas outras ocasiões em minha casa quando suas confidências haviam cessado de repente – quando eu suspeitara que alguma obscura onda telepática da força mental de Asenath estava interferindo para silenciá-lo. Esta, porém, era alguma coisa inteiramente diferente - e, senti, muitíssimo mais horrível. O rosto ao meu lado se desfigurou até ficar quase irreconhecível por um instante, enquanto um estremecimento percorreu seu corpo todo. Era como se todos os ossos, órgãos, músculos, nervos e glândulas

estivessem se acomodando numa postura, num ajuste de tensões e numa personalidade geral radicalmente diferentes.

Eu não saberia dizer, por mais que quisesse, onde residia o honor supremo, mas fui varrido por uma tal anda de enjôo e repugnância – uma sensação tão paralisante, petrificante, de absoluta estranheza e anormalidade – que minha empunhadura do volante ficou fraca e insegura. A figura ao meu lado parecia menos um amigo de toda a vida do que alguma intrusa monstruosa do espaço exterior – algum foco maldito, de todo execrável, de forças cósmicas malignas e misteriosas. Fiquei desacordado por um instante apenas, mas um instante depois meu companheiro havia empunhado a volante e me obrigara a trocar de lugar com ele. O crepúsculo havia escurecido bastante, então, e as luzes de Portland já haviam ficado muito para trás, não me permitindo discernir perfeitamente o seu rasto. O brilho de seus olhos, porém, era assombroso, e eu sabia que ele devia estar naquela estranha condição energética – tão distinta de seu modo de ser habitual – que tantas pessoas haviam notado. Parecia estranho, incrível, que a lânguido Edward Derby – incapaz de se proteger e que jamais aprendem a dirigir – estivesse me dando ordens e assumindo o volante da meu próprio carro, mas foi isso mesmo a que ocorreu. Ele ficou sem falar durante algum tempo, e, em meia a meu inexplicável horror, fiquei contente que não o fizesse.

Sob as luzes de Biddeford e Saco, pude ver seus lábios bem apertados, e estremeci com a brilho de seus olhos. As pessoas estavam certas – ele se parecia terrivelmente com a esposa e com o velho Ebraim quando estava naquele estado. Não era de espantar que seus modos provocassem repulsa – havia neles alguma coisa de anormal e diabólico, e senti com maior força ainda o elemento sinistro devido aos delírios alucinados que estivera ouvindo. Com todo meu antigo conhecimento de Edward Pickman Derby, aquele homem era um estranho – um intruso vindo de alguma espécie de abismo infernal.

Ele não abriu a boca até chegarmos a um trecho escuro da estrada e quando o fez, sua voz me pareceu muito pouco familiar. Era mais profunda, mais firme e mais decidida do que as que eu já tivera a oportunidade de ouvir de sua parte, enquanto seu sotaque e sua pronúncia estavam modificados por completa – conquanto com vagas, remotas e perturbadoras lembranças de alguma coisa que não consegui situar direito. Creio que exibia um traço irônico muito profundo e genuíno no timbre – não a pseudo-ironia vistosa, viva, do calejado “sofisticado” que Derby costumava afetar, mas alguma coisa soturna, essencial, penetrante e potencialmente má. Fiquei estarelecido com aquele atitude de autocontrole seguindo tão de perto a articulação daqueles resmungos aterrorizados.

“Quero que esqueça meu acesso de agora há pouco, Upton,” ele dizia. “Você sabe como são meus nervos e imagino que possa desculpar essas coisas. Estou muitíssimo grato, é claro, por essa carona para casa.

“E também deve esquecer qualquer coisa maluca que eu possa ter dito sobre a minha mulher – e sobre coisas em geral. É isso que dá estudar demais num campo como o meu. Minha filosofia está repleta de conceitos bizarros e quando a mente fica exausta, ela cozinha toda a sorte de aplicações concretas fantasiosas. Vou tirar um descanso a partir de agora – você provavelmente não me verá por algum tempo, e não deve culpar Asenath por isso.

“Essa viagem foi um tanto esquisita, mas é tudo muito simples. Há certas relíquias indígenas nos bosques do norte – monumentos de pedra e coisas assim – de grande importância para o folclore, e Asenath e eu estamos pesquisando essas coisas. Foi uma busca trabalhosa, e parece que perdi a cabeça. Vou mandar alguém recuperar o carro quando chegar em casa. Um mês de repouso vai colocar-me em forma de novo.”

Não me lembro da minha parte na conversa, pois a estranheza desconcertante de meu companheiro de viagem enchia-me a cabeça. A cada instante, meu indefinível sentimento de horror cósmico ia aumentando, até me deixar num virtual delírio de ansiedade pelo fim da viagem. Derby

não se ofereceu para me devolver o volante e me alegrou a velocidade com que passamos por Portsmouth e Newburyport. No entroncamento de onde a estrada principal segue para o interior evitando Innsmouth, fiquei um pouco apreensivo que meu motorista enveredasse pela tenebrosa estrada costeira para aquele lugar maldito. Não foi o que ele fez. Acelerou para nosso destino, cruzando com rapidez por Rowley e Ipswich. Chegamos em Arkham antes da meia-noite e encontramos as luzes ainda acesas no velho solar de Cmwninshield. Derby saiu do carro com uma apressada repetição de agradecimentos, e eu fui para casa sozinho com uma estranha sensação de alívio. A viagem havia sido terrível – mais terrível ainda porque eu não saberia dizer por quê – e não lamentei a previsão de Derby de uma longa ausência de minha companhia.

V

Os dois meses seguintes foram cheios em rumores. Pessoas falavam de ter visto Derby cada vez mais em seu novo estado enérgico, e Asenath raramente estava em casa para as poucas pessoas que os procuravam. Recebi apenas uma breve visita de Edward, quando ele apareceu no carro de Asenath – devidamente recuperado do lugar onde o havia deixado no Maine – para pegar uns livros que me havia emprestado. Ele estava em seu novo estado, e demorou-se apenas o tempo suficiente para algumas observações evasivas e polidas. Era evidente que não tinha nada sobre o que conversar comigo quando estava naquele estado – e notei que nem se dera ao trabalho de usar o velho código três-mais-dois ao tocar a campainha. Como acontecera naquela noite, no carro, senti um horror vago mas muitíssimo mais profundo que não saberia explicar, e a sua partida precipitada me caiu como um alívio imenso.

Em meados de setembro, Derby ficou uma semana fora e umas pessoas bem informadas do grupo decadentista da universidade falaram do caso, insinuando uma reunião com um notório líder de culto recém-expulso da Inglaterra, que se estabelecera em Nova York. De minha parte, não conseguia tirar da cabeça aquela estranha viagem de volta do Maine. A transformação que havia testemunhado me afetara sobremaneira, e eu flagrava, vezes e mais vezes, tentando entender a coisa – e o supremo horror que ela me havia inspirado. Mas os rumores mais extravagantes eram os que tratavam dos soluços no velho solar de Crowninshield. A voz parecia ser a de mulher, e alguns dos mais jovens achavam que se assemelhava à de Asenath. Ela só era ouvida esparsamente, e às vezes era sufocada, como que à força. Falou-se de uma investigação, mas esta foi descartada no dia em que Asenath circulou pelas ruas e tagarelou animadamente com muitos conhecidos – desculpando-se por suas recentes ausências e falando, aqui e ali, sobre o colapso nervoso e a histeria de um hóspede seu vindo de Boston. O hóspede jamais foi visto, mas a presença de Asenath punha um fim aos rumores. Mas alguém complicou as coisas murmurando que os soluços haviam sido, uma ou duas vezes, de voz masculina. Certa noite de meados de outubro, ouvi o familiar toque três-mais-dois da campainha na porta da frente. Atendendo pessoalmente, encontrei Edward nos degraus, e percebi, no mesmo instante, que sua personalidade era a antiga, a que eu não via desde o dia de seu delírio naquela terrível viagem de Chesuncook. Seu rosto estava desfigurado por uma mistura de emoções estranhas onde medo e triunfo pareciam dividir o controle, e ele olhou furtivamente por cima dos ombros enquanto eu fechava a porta às suas costas.

Seguindo-me sem jeito até o estúdio, pediu uísque para refazer os nervos. Abstive-me de questioná-lo, esperando que se sentisse à vontade para dizer o que queda. Enfim, ele aventurou algumas informações com voz abafada.

“Asenath foi embora, Dan. Tivemos uma longa conversa ontem à noite enquanto os criados estavam fora, e fiz com que promettesse parar de me perseguir. É óbvio que eu tinha algumas – algumas defesas secretas que nunca lhe contei. Ela tinha de ceder, mas ficou zangada demais. Simplesmente fez as malas e partiu para Nova York – saiu em tempo de pegar o 8:20 para Boston. Imagino que as pessoas vão comentar, mas não posso evitar. Não precisa mencionar que houve algum problema – diga apenas que ela saiu para uma longa viagem de pesquisa.

“É bem provável que ela vá ficar com um de seus horríveis grupos de devotos. Espero que vá para o Oeste e consiga o divórcio – de qualquer forma, fiz ela prometer que ficaria longe e me deixaria em paz. Foi horrível, Dan – ela estava roubando meu corpo – me ocupando – me aprisionando. Eu me humilhei e fingi deixá-la fazer isso, mas tinha de ficar em guarda. Eu poderia planejar se fosse cuidadoso, pois ela não pode ler a minha mente literalmente, ou em detalhes. Tudo que ela conseguia captar de meus planos era uma espécie de rebeldia genérica – e ela sempre achava que eu estava desamparado. Nunca pensou que eu poderia extrair o máximo dela.., mas eu tinha um feitiço ou dois que funcionavam”

Derby olhou por cima dos ombros e serviu-se de mais uísque.

“Acertei as contas com os malditos criados esta manhã, quando voltaram. Eles ficaram possessos e fizeram perguntas, mas foram embora. São da mesma laia dela – gente de Innsmouth – e eram unha e carne com ela. Espero que me deixem em paz – não gostei do jeito como riam quando se foram. Preciso conseguir o máximo que puder dos velhos criados de papai. Agora vou voltar para casa.

“Imagino que me ache louco, Dan – mas a história de Arkham devia sugerir coisas em reforço do que lhe contei – e do que vou contar-lhe. Você viu uma transformação, também –, no carro, depois que lhe contei sobre Asenath naquele dia, voltando do Maine. Foi quando ela me pegou - me expulsou do meu corpo. A última coisa de que me lembro da viagem foi quando estava tentando dizer-lhe o que é aquela diaba. Ai ela me pegou e num instante eu estava lá em casa – na biblioteca, onde aqueles malditos criados me haviam trancado – e naquele maldito corpo endiabrado... que nem humano é... Sabe, foi com ela que você deve ter viajado para casa... aquela loba rapinando meu corpo... Você deve ter notado a diferença!”

Estremeci, enquanto Derby se calava. Sim, eu havia percebido a diferença – mas poderia aceitar uma explicação tão insana como essa? Mas meu perturbado visitante estava ficando cada vez mais alucinado.

“Eu tinha de me salvar – eu tinha, Dan! Ela me teria levado, definitivamente, para a Festa de Todos os Santos – eles festejam um Sabá para além de Chesuncook, e o sacrifício teria resolvido as coisas. Ela se teria apossado para sempre de mim... ela seria eu, e eu seria ela..., para sempre... tarde demais... – Meu corpo seria dela para sempre... Ela seria um homem, um homem completo, como pretendia... Imagino que me tiraria do caminho – mataria seu próprio corpo antigo comigo dentro, maldita seja, como já fez antes – como ela, ele, ou a coisa fez antes...”

O rosto de Edward estava dolorosamente desfigurado quando o inclinou para meu desconforto, para perto do meu, enquanto sua voz se resumia a um sussuro.

“Você deve saber o que insinuei no carro – que ela não é de modo algum Asenath, mas o próprio velho Ephraim. Suspeitei disso há um ano e meio, mas agora sei. A caligrafia dela o comprova quando ela está distraída – às vezes ela rascunha uma anotação que é tal e qual os manuscritos de seu pai, letra por letra – e às vezes diz coisas que ninguém, exceto um velho como Ephraim, poderia dizer. Ele trocou de forma com ela quando sentiu a morte aproximar-se – ela foi a única que pôde encontrar com o tipo apropriado de cérebro e vontade fraca o bastante – ficou com o seu corpo para sempre, assim como ela quase ficou com o meu, e depois envenenou o corpo antigo

onde a havia colocado. Não percebeu a presença da alma do velho Ephraim fitando pelos olhos daquela diaba dezenas de vezes..., e dos meus, quando ela controlava o meu corpo?”

Ofegando, Edward cessou os murmúrios para recuperar o fôlego. Eu não disse nada e quando recomeçou, sua voz estava quase normal. Isso, refleti, era caso para asilo, mas não seria eu quem o enviaria para lá. Talvez o tempo e a separação de Asenath fizessem seu trabalho. Dava para perceber que ele jamais meteria o nariz no mórbido ocultismo outra vez.

“Vou contar-lhe mais depois – preciso de um bom descanso agora. Vou contar-lhe um pouco dos horrores ocultos aos quais ela me levou – um pouco sobre os horrores imemoriais que ainda agora supuram em nações distantes com alguns sacerdotes monstruosos para mantê-los vivos. Algumas pessoas sabem coisas sobre o universo que ninguém deveria saber, e podem fazer coisas que ninguém deveria poder. Estive metido até o pescoço nisso, mas é o fim. Hoje eu queimaria o maldito Necronomicon e todo o resto se fosse bibliotecário na Miskatonic!”

“Mas agora ela não pode pegar-me. Preciso sair daquela casa amaldiçoada o quanto antes e me instalar na minha própria casa. Você vai me ajudar, eu sei, se eu precisar de ajuda. Aqueles criados diabólicos, sabe... e se as pessoas ficarem muito curiosas sobre Asenath. Olhe, não posso dar o endereço dela a eles... Depois, existem certos grupos de pesquisadores – certos cultos, sabe – que poderiam interpretar mal nosso rompimento... alguns têm métodos e idéias muitíssimo bizarros. Sei que você ficará do meu lado se alguma coisa acontecer... mesmo que eu tenha de lhe contar muita coisa que possa chocá-lo..!”

Fiz Edward ficar e dormir no quarto de hóspedes naquela noite e, pela manhã, ele parecia mais calmo. Discutimos alguns arranjos possíveis para sua mudança para a mansão dos Derby, e torci para que não perdesse tempo para se mudar. Na noite seguinte ele não apareceu, mas eu o vi com frequência nas semanas seguintes. Conversamos o mínimo possível sobre coisas estranhas e desagradáveis, mas discutimos a redecação da velha casa dos Derby, e as viagens que Edward prometera fazer com meu filho e eu no verão seguinte.

De Asenath quase não falávamos pois eu podia perceber que o tema lhe era particularmente perturbador. Os rumores, é claro, se espalhavam, mas não houve novidades relacionadas com o estranho assunto na velha casa de Crowninshield.

Uma coisa de que não gostei foi o que o banqueiro de Derby deixou escapar, em momento de euforia, no Clube Miskatonic – sobre os cheques que Edward estava mandando sempre para certos Moses e Abigail Sargent e certa Eunice Babson em Innsmouth. Era como se aqueles criados abjetos estivessem extorquindo algum tipo de imposto dele – embora não me tivesse mencionado o assunto. Gostaria que o verão – e as férias do meu filho em Haward – chegassem, para podermos levar Edward à Europa. Não demorou para eu perceber que ele não se estava restabelecendo tão rapidamente quanto eu esperava, pois havia algo de histérico em seus momentos ocasionais de satisfação, enquanto os momentos de pavor e depressão eram freqüentes demais. A velha casa dos Derby ficou pronta em dezembro, mas Edward adiava repetidas vezes a mudança. Embora odiasse e parecesse temer a casa de Crowninshield, estava, ao mesmo tempo, curiosamente escravizado a ela. Parecia que ele não conseguia começar a desmontar as coisas, e inventava toda sorte de desculpas para adiar a mudança. Quando chamei sua atenção para isso, ele me pareceu assustado sem razão. O velho mordomo de seu pai – que estava lá com outros criados de família recuperados – contou-me, certo dia, que as andanças ocasionais de Edward pela casa, e especialmente pelo porão, lhe pareciam estranhas e perigosas. Quis saber se Asenath não lhe andara escrevendo cartas perturbadoras, mas soube, pelo mordomo, que não chegara nenhuma correspondência que pudesse ter vindo dela.

VI

Foi perto do Natal que Derby sucumbiu, certa noite, quando me visitava. Eu estava levando a conversa para as viagens do verão seguinte quando ele soltou um grito agudo e saltou da cadeira com uma expressão de terrível e incontrolável pavor – de uma repulsa e um terror cósmico que só os abismos inferiores do pesadelo poderiam provocar em qualquer mente sã.

“Meu cérebro! Meu cérebro! Por Deus, Dan – ela está puxando – do além – martelando – agarrando – aquela demônia – neste instante – Ephraim – Kamog! Kamog! – O poço dos shoggoths – lâ! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!...”

“A chama – a chama... além do corpo, além da vida..., na terra... oh”

Empurrei-o de novo para a cadeira e despejei um pouco de vinho pela sua garganta quando seu delírio se desfez num estado de estupor. Ele não opôs resistência, mas continuou mexendo os lábios como se estivesse falando sozinho. Percebi então que estava tentando falar comigo e aproximei o ouvido de sua boca para entender as palavras balbuciadas.

“... de novo, de novo..., ela está tentando... eu devia saber... nada pode parar aquela força; nem distância, nem magia, nem a morte... ela vem e vem, principalmente à noite... não posso deixar... é horrível..., oh, Deus, Dan, se soubesse como eu o como é horrível...”

Quando ele mergulhou no estado de estupor, acomodei-o com travesseiros e deixei que fosse dominado pelo sono natural. Não chamei um médico imaginando o que não diriam de sua sanidade mental, e quis dar uma chance à Natureza, se fosse possível. Ele despertou à meia-noite, e eu o coloquei na cama, no andar de cima, mas, pela manhã, ele se fora. Saira de casa na calada. Seu mordomo, chamado pelo telefone, disse que ele estava em casa andando sem parar, de um lado para outro, na biblioteca.

Edward se descontrolou rapidamente depois daquilo. Não tomou a me visitar, mas eu ia vê-lo todo dia. Eu o encontrava sempre olhando para o vazio, sentado na biblioteca, com uma expressão anormal de alguém que está tentando escutar alguma coisa. Às vezes sua conversa era racional, mas sempre sobre assuntos triviais. Qualquer menção ao seu problema, a planos futuros ou a Asenath o deixava histérico. O mordomo dizia que ele tinha acessos de pavor à noite, durante os quais poderia acabar se ferindo.

Tive longas conversas com seu médico, seu banqueiro e seu advogado e finalmente levei o médico e dois colegas especialistas para vê-lo. As convulsões provocadas pelas primeiras perguntas foram violentas e deploráveis – e naquela mesma noite, um carro fechado levou seu pobre corpo dilacerado para o Sanatório de Arkham. Nomearam-me seu tutor e eu o visitava duas vezes por semana – quase chorando ao ouvir seus gritos desvairados, seus murmúrios estarrecedores e as terríveis, monótonas repetições de frases como “Tinha de fazer – tinha de fazer.. vai me pegar... vai me pegar... lá... lá no escuro... Mãe! Mãe! Dan! Me salvem..., me salvem...”

Ninguém saberia dizer quanta esperança de recuperação haveria, mas tentei, ao máximo, ser otimista. Edward precisaria de um lar caso se recuperasse, por isso transferi seus criados para a mansão dos Derby, que certamente seria a sua escolha se estivesse sã. O que fazer da casa de Crowninshield com suas providências complexas e coleções de objetos de todo inexplicáveis, eu não poderia decidir, por isso deixei-a provisoriamente intacta – dizendo ao pessoal de Derby para ir até lá espanar o pó dos quartos principais uma vez por semana e ordenando ao encarregado da caldeira para deixá-la acesa naqueles dias.

O pesadelo final aconteceu antes do dia da Candelária (Dia 2 de fevereiro, Festa da Purificação da Virgem Maxia) – anunciado, cruel ironia, por um falso brilho de esperança.

Numa manhã do final de janeiro, telefonaram do sanatório para informar que Edward havia recuperado de repente a razão. Sua memória estava muito fraca, mas a sanidade mental era garantida. Ele devia permanecer algum tempo em observação, é claro, mas não havia muitas dúvidas sobre o resultado. Se tudo saísse bem, ele poderia receber alta em uma semana.

Corri para lá cheio de satisfação, mas fiquei desconcertado quando uma enfermeira me levou ao quarto de Edward. O paciente levantou-se para me cumprimentar, estendendo as mãos com um sorriso polido, mas eu percebi, no mesmo instante, que exibia aquela personalidade estranhamente enérgica que parecia tão diferente de sua natureza – a personalidade competente que eu tinha achado um pouco horrível e que o próprio Edward havia jurado, certa vez, que era a alma intrusa da esposa. Ali estavam o mesmo olhar brilhante – como o de Asenath e do velho Ephraim – e a mesma boca firme, e quando falou, pude sentir a mesma ironia penetrante e soturna em sua voz – a ironia profunda tão sugestiva de uma malignidade potencial. Aquela era a pessoa que havia dirigido meu carro durante a noite, cinco meses antes – a pessoa que eu não vira desde aquela breve visita em que ela havia esquecido o antigo código da campainha e incitado em mim pavores nebulosos – e agora me enchia do mesmo sentimento sombrio de ímpia estranheza e inefável abominação cósmica.

Ele falou afavelmente sobre os arranjos para a alta – e não me restava nada a fazer senão concordar, apesar de algumas lacunas notáveis em suas memórias recentes. Eu sentia, porém, que havia alguma coisa terrivelmente, inexplicavelmente errada e anormal. A criatura tinha horrores com os quais eu não podia atinar. Era uma pessoa de mente sã – mas seria mesmo o Edward Derby que eu conhecia? Se não era, quem ou o que seria – onde estava Edward? Devia ser solta ou confinada..., ou devia ser extirpada da face da Terra? Havia uma traço de ironia abissal em tudo que a criatura dizia – os olhos de Asenath emprestavam um ar de zombaria especial e desconcertante a certas palavras sobre “a liberdade prematura conquistada por um confinamento especialmente rígido”. Devo ter-me comportado de maneira muito canhestra e fiquei feliz ao bater em retirada.

Durante todo aquele dia e o seguinte quebrei a cabeça com o problema. O que teria acontecido? Que espécie de mente olhava por aqueles olhos alheios no rosto de Edward? Eu não conseguia pensar em mais nada além daquele enigma obscuro e terrível, e desisti completamente de meu trabalho usual.

Na segunda manhã, telefonaram do hospital para dizer que o estado do paciente permanecia inalterado, e à noite, eu cheguei à beira de um colapso nervoso – um estado que admito, embora outros vão jurar que ele alterou minha capacidade de observação subsequente. Nada tenho a dizer sobre esse ponto, exceto que nenhuma loucura minha poderia explicar todas as evidências.

VII

Foi à noite – depois daquela segunda noite – que o horror total, absoluto, me invadiu, oprimindo meu espírito com um pavor tétrico e arrebatador do qual ele não poderá libertar-se jamais. Começou com uma chamada telefônica pouco antes da meia-noite. Eu era a única pessoa acordada e, sonolento, peguei o receptor na biblioteca. Não parecia haver ninguém na linha e eu estava quase desligando e indo para a cama quando meu ouvido captou uma suspeita de som muito tênue do outro lado. Seria alguém tentando falar com muita dificuldade? Enquanto tentava escutar, pensei ouvir uma espécie de líquido borbulhando – “glub... glub... glub” – que produzia uma estranha sugestão de divisões de sílabas e palavras desarticuladas, ininteligíveis. Disse “Ola?” mas a única resposta foi “glub-glub... glub-glub.” Só pude supor que o ruído era mecânico, mas imaginando que pudesse ser um defeito do aparelho que impedia de falar mas não de ouvir, acrescentei: “Não estou conseguindo

ouvir. É melhor desligar e tentar Informação.” Na hora escutei o receptor ser pendurado no gancho, na outra ponta.

Isso, como disse, ocorreu pouco antes da meia-noite. Quando a ligação foi rastreada, mais tarde, descobriu-se que viera da velha casa de Crowninshield, embora faltasse ainda meia semana para o dia da faxina. Apenas indicarei o que foi encontrado naquela casa – o alvoroço numa remota dispensa do porão, as pegadas, a sujeira, o guarda-roupa remexido às pressas, as marcas enigmáticas no telefone, o papel de carta usado de maneira canhestra e o pavoroso mau cheiro espalhado por toda parte. Os policiais, pobres tolos, fizeram suas teoriuzinhas sobre um roubo, e ainda estão procurando aqueles sinistros criados despedidos – que haviam sumido de vista em meio à agitação reinante. Falam de uma vingança diabólica por coisas que foram feitas, e dizem que eu estava incluído porque era o melhor amigo e conselheiro de Edward. Idiotas! – imaginam, talvez, que aqueles palhaços brutalizados poderiam ter forjado aquela caligrafia? Imaginam que poderiam ter causado o que veio depois? E estarão cegos para as transformações daquele corpo que foi de Edward? Quanto a mim, eu agora acredito em tudo que Edward Derby me contou. Existem horrores além das fronteiras da vida de que não suspeitamos e, de vez em quando, a malignidade humana os coloca dentro de nosso alcance. Ephraim – Asenath – aquele demônio os convocou, e eles tragaram Edward assim como estão me tragando.

Posso estar certo de estar em segurança? Aquelas potências sobrevivem à vida da forma física. No dia seguinte – à tarde, quando saí de meu estado de prostração e fui capaz de andar e falar coerentemente –, fui até o asilo e atirei para matar, para o bem de Edward e do mundo, mas posso estar seguro antes de ele ser cremado? Estão preservando o corpo para a realização de tolas autópsias por vários médicos – mas eu digo que ele deve ser cremado. Ele deve ser cremado – ele que não era Edward Derby quando o matei. Ficarei louco se não o for, pois eu poderei ser o próximo. Mas minha vontade não é fraca – e não a deixarei ser minada pelos terrores que eu sei que estão à espreita. Uma vida – Ephraim, Asenath e Edward – quem agora? Eu não serei retirado de meu corpo... eu não trocarei de alma com aquele cadáver baleado no asilo!

Mas deixem-me tentar contar de maneira coerente aquele horror final. Não falarei do que a polícia sistematicamente ignorou – os relatos sobre aquelas coisas anãs, grotescas e malcheirosas encontradas por, pelo menos, três caminhantes na High Street, pouco antes das duas da manhã, e sobre a natureza das pegadas simples em certos locais. Direi apenas que, por volta das duas, a campanha e a aldrava me acordaram – campanha e aldrava, ambas, soadas de maneira alternada e incerta, numa espécie de desespero impotente, e cada uma tentando repetir o velho código de três-mais-duas batidas de Edward.

Despertando de um sono profundo, minha mente entrou num torvelinho. Derby à porta – e lembrando-se do velho código! Aquela nova personalidade não se havia lembrado dele..., era Edward de volta, inesperadamente, em seu estado normal? Por que estaria aqui com a pressa e tensão que evidenciava? Teria sido libertado antes do tempo, ou teria escapado? Talvez, pensei enquanto me enfiava num robe e descia as escadas, sua volta ao próprio ser tivesse provocado delírio e violência, a revogação da alta, e levando-o a uma arremetida desesperada para a liberdade. O que quer que tivesse acontecido, era o bom velho Edward de novo, e eu o ajudaria!

Quando abri a porta para a escuridão das arcadas de olmos, uma rajada de vento insuportavelmente fétida quase me derrubou. Sufocado pela náusea, por um momento mal consegui enxergar a figura corcunda e anã nos degraus. As batidas haviam sido de Edward mas quem era aquela paródia retardada e aberrante? Para onde Edward tivera tempo de ir?

Sua chamada havia soado apenas um segundo antes da poita ser aberta. O visitante usava um dos sobretudos de Edward – a barra quase raspando no chão e as mangas enroladas, mas ainda encobrendo as mãos. Trazia um chapéu enterrado na cabeça, enquanto um cachecol de seda preto

ocultava o rosto. Quando dei um passo trôpego para a frente, a figura produziu um som meio líquido como o que eu ouvira pelo telefone – “glub... glub...” – e estendeu-me uma grande folha de papel coberta de letras miúdas espetada na ponta de um lápis comprido. Ainda cambaleando devido ao fedor mórbido e indescritível, peguei o papel e tentei lê-lo à luz do pórtico.

A caligrafia era mesmo a de Edward. Mas por que teria ele escrito quando estava perto o bastante para ter tocado a campainha – e por que a letra estava tão desajeitada, grosseira e tremida? Não consegui entender nada com aquela iluminação fraca, por isso recuei para o vestíbulo com a figura anã cambaleando mecanicamente atrás de mim, mas parando na soleira da porta interna. O cheiro daquele estranho mensageiro era deveras aterrador, e esperei (não em vão, graças a Deus) que minha esposa não despertasse e o visse.

Então, enquanto lia o papel, senti meus joelhos cederem sob os meus pés e minha vista escurecer. Quando voltei a mim, estava caldo no chão com a maldita folha amassada na mão crispada. Isto é o que ele dizia:

“Dan – vá ao sanatório e mate-a. Extermine-a. Ela não é mais Edward Derby. Ela me pegou – é Asenath – e ela está morta há três meses e meio. Menti quando disse que ela havia partido. Eu a matei. Tinha de fazê-lo. Foi de repente, mas estávamos sozinhos e eu estava em meu corpo verdadeiro. Vi um castiçal e esmaguei-lhe a cabeça. Ela se teria apoderado de mim para sempre no dia de Candelária.

“Enterrei-a na despensa mais afastada do porão, embaixo de umas caixas velhas, e limpei todos os vestígios. Os criados suspeitaram na manhã seguinte, mas eles têm segredos tais que não ousam contar à polícia. Mandei-os embora, mas Deus sabe o que eles – e outros do culto – farão.

“Pensei, por algum tempo, que estaria bem, mas depois senti o repelão em meu cérebro. Sabia do que se tratava – eu devia ter-me lembrado. Uma alma como a dela – ou de Ephraim – é meio desligada, e se conserva depois da morte enquanto o corpo durar. Ela estava me pegando – me obrigando a trocar de corpo com ela – ocupando meu corpo e colocando-me naquele cadáver dela enterrado no porão.

“Eu sabia o que estava por vir – e é por isso que eu entrei em colapso e tive de ir para o asilo. Então a coisa veio – dei por mim sufocando no escuro – na carcaça putrefacta de Asenath, lá no porão, embaixo das caixas onde eu a pusera. E sabia que ela devia estar em meu corpo no sanatório – para sempre, pois era depois da Candelária, e o sacrifício funcionaria mesmo sem ela estar presente – sã, e pronta para ser libertada como uma ameaça para o mundo. Eu estava desesperado, e apesar de tudo, abri caminho para fora com as mãos.

“Já fui longe demais para poder falar – não poderia usar o telefone – mas ainda posso escrever. Vou me recompor de alguma maneira e levar até você esta última palavra e recomendação. Mate aquele demônio se dá valor à paz e ao conforto do mundo. Cuide para que ele seja cremado. Se não o fizer, ele viverá e viverá, de corpo em corpo para sempre, e não sei lhe dizer o que fará. Afaste-se da magia negra, Dan, é coisa do diabo. Adeus – você foi um grande amigo. Conte à polícia tudo em que eles puderem acreditar – e lamento profundamente jogar isso tudo em cima de você. Em breve estarei em paz – essa coisa não vai agüentar muito mais. Espero que possa ler isto. E mate aquela coisa – mate-a.

Seu – Ed.”

Foi só mais tarde que eu li a segunda metade do papel, pois havia desmaiado no final do terceiro parágrafo. Desmaiei novamente quando vi e cheirei o que se amontoara na soleira onde o ar quente o alcançara. O mensageiro não se mexeria ou teria consciência jamais. O mordomo, mais corajoso do que eu, não desmaiou com o que o esperava no vestíbulo, pela manhã, e telefonou para a

polícia. Quando eles chegaram, eu havia sido levado para a cama no andar de cima, mas a – outra massa – jazia lá onde havia desmoronado à noite. Os homens taparam os narizes com seus lenços.

O que eles enfim encontraram no interior das roupas sortidas de Edward foi quase só um horror liquescente. Havia ossos também – e um crânio esmagado. Algumas restaurações dentárias ajudaram a identificar positivamente: o crânio era de Asenath.